

DÁVILA, Maria Barreto (2019). *A Mulher dos Descobrimentos: D. Beatriz, Infanta de Portugal*. Prefácio de João Paulo Oliveira e Costa. Lisboa: A Esfera dos Livros, 303 pp., ISBN: 978-989-626-869-5.

Este livro de Maria Barreto Dávila corresponde à sua tese de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, intitulada *Governar o Atlântico: A infanta D. Beatriz e a Casa de Viseu (1470-1485)* e apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2016). A Autora é, atualmente, bolsreira de pós-doutoramento no CHAM – Centro de Humanidades, onde desenvolve um projeto de investigação sobre “Género, Espaços e Poder: representações da autoridade feminina na corte portuguesa (1438-1521)”, continuando a estudar a relação entre as mulheres e o poder no crepúsculo da Idade Média.

Inserida no campo dos estudos de género, esta obra tem a particularidade de se focar na participação de uma mulher, a infanta D. Beatriz, nos Descobrimentos, que a Autora define como sendo um “processo de conhecimento global, que permitiu a descompartimentalização do mundo” (p. 9). Assume, todavia, uma dimensão biográfica, avaliando-se diversos momentos da vida de D. Beatriz ou episódios da História de Portugal em que a infanta desempenhou um papel preponderante. Além do prefácio do orientador da Autora e da introdução da obra, na qual se discute a produção historiográfica sobre os estudos de género em Portugal e onde se enuncia o objetivo da investigação – nomeadamente “como é que a elite feminina exercia o seu poder político em Portugal no século XV –, o livro” (p. 12) encontra-se organizado cronologicamente e compõe-se de três partes distintas.

Em *Beatriz: Uma Infanta de Avis*, abordam-se os antecedentes familiares da infanta. A Autora começa por apresentar a vinculação da biografada à Dinastia de Avis e à Casa de Bragança e prossegue com a dotação e instituição da casa do infante D. João, seu pai. Aqui sente-se a falta de algum tipo de auxiliar (um genograma a ilustrar a imbricada teia relacional dos membros da referida dinastia, muitos dos quais homónimos) que facilitasse a leitura de uma narrativa que, não obstante, é muito bem desenvolvida.

Depois é conferida atenção ao casamento de D. Beatriz com o infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte, filho adotivo do infante D. Henrique e seu sucessor no ducado de Viseu e na ordem de Cristo. Aqui seria igualmente interessante aprofundar-se mais sobre *todo* o património da Casa de Viseu-Beja administrado pela biografada, comparando-o porventura com o da Casa de Bragança. Compreende-se, porém, a opção da Autora, cuja intenção foi estudar D. Beatriz.

As últimas páginas da primeira parte iniciam-se com a Batalha de Alfarro-

beira. Discute-se, depois, o falecimento do duque de Viseu-Beja, esposo de D. Beatriz, em 1470, que resultou na entrega do comando da Casa de Viseu-Beja à infanta e, principalmente, no protagonismo desta senhora no espaço atlântico e na vida política portuguesa, no contexto da morte e menoridade dos seus três filhos, D. João, D. Diogo e D. Manuel – um protagonismo, em todo o caso, dependente até 1478 da autoridade de D. Fernando, segundo duque de Bragança e seu tio, a quem sucedeu como “defensora das Casas de Viseu e Bragança junto de D. João II” (p. 56).

A segunda parte ocupa-se da administração dos bens que os filhos de D. Beatriz herdaram do pai – *A Duquesa de Viseu e de Beja*. Começa por estudar a sua intervenção na Madeira, Açores e Cabo Verde, que coincidiu com a entrega do comércio da Guiné a Fernão Gomes, a condução da Expansão pelo príncipe D. João e a guerra com Castela, consolidando as práticas administrativas de D. Henrique e D. Fernando (instituição de capitânias e concessão de terra em sesmarias). No que diz respeito às ordens militares, deteta uma interferência da Coroa no sentido de evitar a concentração dos mestrados de Santiago e Cristo num único titular.

O nono capítulo do livro é bastante interessante porque responde à seguinte questão: “Uma mulher à frente dos Descobrimentos?”. A Autora considera que o fim do monopólio da Casa de Viseu-Beja na costa africana, quando D. Afonso V doou o direito de navegação a Fernão Gomes, propiciou a exploração do Atlântico em busca de ilhas. Este redirecionamento, porém, foi iniciado ao tempo de D. Fernando e continuado após a sua morte, não havendo indicações de que D. Beatriz o tenha promovido.

Nos últimos capítulos da segunda parte, Maria Barreto Dávila avalia o impacto da guerra entre Portugal e Castela nos territórios insulares da Casa de Viseu-Beja. Justamente pelo facto de a sua casa ser afetada e também em virtude das relações de parentesco com as coroas portuguesa e castelhana, D. Beatriz foi mandatada para negociar a paz com a sua sobrinha e rainha de Castela, Isabel – daqui resultou o Tratado de Alcáçovas-Toledo, que dividiu o espaço atlântico, salvaguardando os interesses da casa, e as Terçarias de Moura, vila do ducado de Beja onde ficaram sob custódia de D. Beatriz, enquanto não casaram, o infante D. Afonso e Isabel, filha dos Reis Católicos.

Por fim, *Madre D’El Rei* ocupa-se dos últimos anos de vida da infanta D. Beatriz e da sua derradeira participação na vida política portuguesa. Debatem-se o princípio do reinado de D. João II e as circunstâncias que logo depois levaram à execução do terceiro duque de Bragança, D. Fernando, e ao assassinato do duque de Viseu e Beja, D. Diogo. Se, nesta ocasião e, depois, com a entrega da Casa de Viseu-Beja a D. Manuel, a participação de D. Beatriz foi pouco expressiva, limitando-se, tanto quanto parece, ao auxílio à

administração do património do filho, diferente seria o período que se seguiu.

Em “D. Manuel, o Venturoso”, Maria Barreto Dávila discute a sucessão de D. João II e o projeto que colocou o seu filho bastardo, D. Jorge, na linha de sucessão no trono após morte do infante D. Afonso, em 1491. Infelizmente, este capítulo limita-se a resumir a sucessão dos acontecimentos, faltando-lhe uma tentativa de interpretação sobre qual teria sido o papel de D. Beatriz, que, juntamente com D. Leonor e Isabel, a Católica, protagonizou mais ativamente a oposição àquele projeto. Os últimos capítulos dedicam-se à sua presença na corte do filho; à sua transferência para Beja; e, em jeito de conclusão, à “Construção da Memória Familiar” e à morte de D. Beatriz.

As conclusões às quais se chega são bem sustentadas e apresentadas de forma clara. O protagonismo da infanta D. Beatriz foi possibilitado pelo falecimento do seu marido, D. Fernando, na medida em que foi enquanto tutora e administradora do património dos seus filhos que assumiu um papel de relevo nos grandes acontecimentos do século XV. Não se podendo dissociar o seu papel da importância da Casa de Viseu-Beja, naturalmente que o declínio da sua família, nos princípios do reinado de D. João II, implicou a cessação da sua atividade política, sendo depois retomada aquando da coroação do seu filho.

Num primeiro momento, assumiu-se como administradora de uma das principais casas senhoriais portuguesas do século XV. Em função dos seus interesses no Atlântico e devido às suas relações familiares com Isabel, a Católica, as negociações de paz com Castela começaram por ser conduzidas pela duquesa de Beja. Foi também neste contexto que lhe foi confiada a tutela dos infantes de Portugal e Castela e que, no segundo caso, articulou a sua posição com a dos monarcas vizinhos aquando da sucessão de D. João II. Depois de 1495, a sua atividade circunscreveu-se à vida familiar.

Assim, relativamente ao exercício do poder político pela elite feminina portuguesa, a Autora apresenta um trabalho muito bem conseguido, demonstrando as várias dimensões de uma aristocrata medieval: como filha, mulher e mãe da aristocracia, mas também como administradora de um vasto património, diplomata, negociadora e cortesã – enfim, como mulher dotada de um poder político que não se coíbe de exercer. Por isso, este livro constitui um importante contributo para a historiografia nacional e para o estudo da nobreza medieval, recuperando a relevância do género biográfico.

CRISTÓVÃO MATA

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura

crisovaomat@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3682-0700>